

# Renovação da Vida Religiosa Consagrada: indicações do Papa Francisco

## Renewal of Consecrated Religious Life: indications of Pope Francis

*Lisaneos Francisco Prates\**

**Resumo:** A Vida Religiosa Consagrada nasceu no coração da Igreja e do mundo para ser sinal de comunhão, tendo como proposta uma missão carismática na diversidade e na singularidade de cada carisma. A figura carismática do Papa Francisco e sua inspiração renovadora da missão da Igreja trazem consigo a proposição de renovação da Vida Religiosa Consagrada e a consoante atualização de sua missão carismática no atual momento cultural da história.

**Palavras-chave:** Vida Religiosa Consagrada; Papa Francisco; Renovação

**Abstract:** The religious consecrated life was born in the heart of the Church, and the world, to be a signal of communion, having as proposal it's charismatic mission in the diversity and singularity each charisma. The figure of Pope Francis and his renovating inspiration of the Church mission bring the renovation proposition of the Consecrated Religious life and the consonant update of his charismatic mission in the current cultural moment of the history.

**Keywords:** Consecrated Religious life; Pope Francis; Renovation

---

\* Doutor em Teologia Dogmática pela Universidade Gregoriana de Roma. Professor de Teologia na PUC-SP, onde é Coordenador do Curso Diurno de Teologia. E-mail: lfprates@puccsp.br.

## 1. Introdução

A renovação da Vida Religiosa Consagrada – VRC, foi preconizada pelo Concílio Vaticano II (1962-65), tendo como referência a Constituição Dogmática *Lumen gentium* – LG, a qual versa sobre as necessárias mudanças desde dentro da realidade eclesial, isto é, na dimensão *ad intra* da Igreja. É no capítulo VI da LG que se aborda o tema da VRC e o seu *aggiornamento* no contexto mesmo de uma nova concepção da Igreja. Outro documento conciliar que se encarregou de fazer uma abordagem da VRC, agora de modo específico, é o Decreto *Perfectae caritatis* – PC<sup>1</sup>. O Papa Francisco coloca como ponto motivador para a VRC, o conteúdo, exatamente, destes dois documentos conciliares<sup>2</sup>. Portanto, dar continuidade ao impulso renovador

---

<sup>1</sup> “A conveniente renovação da vida religiosa compreende não só um contínuo regresso às fontes de toda a vida cristã e à genuína inspiração dos Institutos, mas, também a sua adaptação às novas condições dos tempos. Esta renovação, sob o impulso do Espírito Santo e a orientação da Igreja, deve promover-se segundo os princípios seguintes: a) Dado que a vida religiosa tem por última norma o seguimento de Cristo proposto no Evangelho, deve ser esta a regra suprema de todos os Institutos. b) Reverte em bem da Igreja que os Institutos mantenham a sua índole e função particular; por isso, sejam fielmente aceites e guardados o espírito e as intenções dos fundadores bem como as sãs tradições, que constituem o património de cada Instituto. c) Todos os Institutos participem da vida da Igreja, e, segundo a própria índole, tenham como suas e favoreçam quanto puderem as iniciativas e empresas da mesma Igreja em matéria bíblica, dogmática, pastoral, ecuménica, missionária e social. d) Promovam os Institutos nos seus membros o conveniente conhecimento das circunstâncias dos tempos e dos homens bem como das necessidades da Igreja; de maneira que, sabendo julgar sabiamente das situações do mundo dos nossos dias à luz da fé, e ardendo de zelo apostólico, possam mais eficazmente ir ao encontro dos homens. e) Dado que a vida religiosa se ordena antes de tudo a que os seus membros sigam a Cristo e se unam a Deus, mediante a profissão dos conselhos evangélicos, deve pesar-se seriamente que as melhores adaptações às necessidades do nosso tempo não sairão efeito, se não forem animadas da renovação espiritual, que sempre, mesmo na promoção das obras exteriores, deve ter a parte principal” (PC, n. 2).

<sup>2</sup> “Fazendo-me eco do sentir de muitos de vós e da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, por ocasião do quinquagésimo aniversário da Constituição dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja, que no capítulo VI trata dos religiosos, bem como do Decreto *Perfectae caritatis* sobre a renovação da vida religiosa, decidi proclamar um Ano da Vida Consagrada. Terá início no dia 30 do corrente mês de Novembro, I Domingo de Advento, e terminará com a festa da Apresentação de Jesus no Templo a 02 de Fevereiro de 2016” (FRANCISCO. Carta Apostólica às Pessoas Consagradas em ocasião do ano da Vida Consagrada. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 5).

implementado pelo Vaticano II é o pano de fundo que deverá sempre sustentar e impulsionar a VRC<sup>3</sup>.

## 2. Objetivos, expectativas e horizontes da Vida Religiosa Consagrada

Alguns objetivos peculiares e mais específicos são colocados de relevo, tais como lançar um olhar de agradecimento sobre a origem da VRC desde o horizonte do seu passado histórico, vendo o desenrolar do patrimônio carismático que caracteriza cada instituição religiosa. Esta mirada posta na memória histórica, tendo o passado como ponto iniciático, deverá apontar para a realidade do presente e abrir perspectivas novas de futuro sob os auspícios do Espírito Santo. Afirma a exortação apostólica pós-sinodal *Vita consecrata*, em seu n. 110:

Vós não tendes apenas uma história gloriosa para recordar e narrar, mas uma grande história a construir! Olhai para o futuro, para o qual vos projeta o Espírito a fim de realizar convosco ainda coisas maiores.

Esta mirada histórica tem, como elemento de busca, o identitário carismático que se encontra na origem inspiradora de cada família religiosa sob a experiência proporcionada por cada fundador/a. É o chamado carisma-fundacional que identifica e caracteriza a peculiaridade de cada família religiosa e que foi surgindo ao longo da história da Igreja. Neste sentido, é sumamente importante a afirmação que destacamos:

Repassar a própria história é indispensável para manter viva a identidade e também robustecer a unidade da família e o sentido de pertença dos seus membros. Não se trata de fazer arqueologia nem cultivar inúteis nostalgias,

---

<sup>3</sup> Conforme a afirmação inequívoca do Papa Francisco, o Concílio Vaticano II “representou uma ‘ventania’ do Espírito Santo sobre toda a Igreja; graças ao Concílio, de fato, a vida consagrada empreendeu um fecundo caminho de renovação, o qual, com as suas luzes e sombras, foi um tempo de graça, marcado pela presença do Espírito” (ibidem, I, p. 1).

mas de percorrer o caminho das gerações passadas para nele captar a centelha inspiradora, os ideais, os projetos, os valores que as moveram, a começar dos Fundadores, das Fundadoras e das primeiras comunidades. É uma forma também para se tomar consciência de como foi vivido o carisma ao longo da história, que criatividade desencadeou, que dificuldades teve de enfrentar e como foram superadas. Poder-se-á descobrir incoerências, fruto das fraquezas humanas, e talvez mesmo qualquer esquecimento de alguns aspectos essenciais do carisma. Tudo é instrutivo, tornando-se simultaneamente apelo à conversão. Narrar a própria história é louvar a Deus e agradecer-lhe por todos os seus dons (FRANCISCO, Carta Apostólica, seção I, p. 1).

A anamnese histórica que tem uma raiz fincada no passado não é uma nostalgia saudosista de uma experiência de um antanho que passou e ficou longínquo. O dinamismo da memória histórica que, na grande tradição bíblico-cristã, tem como protagonista o Espírito Santo é concebido para que o ser humano, como sujeito na história, não perca a consciência que o responsabiliza na fé pela situação do presente. Os desafios que o presente momento histórico apresenta à VRC são perceptíveis pela via da compaixão típica da sensibilidade Jesus Cristo diante das multidões e suas necessidades básicas. Esta mesma compaixão foi a intuição que sensibilizou e moveu os fundadores/as na direção do serviço aos mais necessitados.

Os nossos Fundadores e Fundadoras sentiram em si mesmos a compaixão que se apoderava de Jesus quando via as multidões como ovelhas extraviadas sem pastor. Tal como Jesus, movido por tal compaixão, comunicou a sua palavra, curou os doentes, deu o pão para comer, ofereceu a sua própria vida, assim também os Fundadores se puseram ao serviço da humanidade, à qual eram enviados pelo Espírito servindo-a dos mais diversos modos: com a intercessão, a pregação do Evangelho, a catequese, a instrução, o serviço aos pobres, aos doentes... A inventiva da caridade não conheceu limites e soube abrir inúmeras estradas para levar o sopro da Evangelho às culturas e aos sectores sociais mais diversos (FRANCISCO, Carta Apostólica, I, p. 2).

O olhar posto na origem da história e no seu dinâmico desenrolar deverão trazer para o momento atual da VRC o seu núcleo identitário, que é a comunhão-fraterna, já que a vida consagrada nasceu para ser ícone da comunhão trinitária. Este aspecto aparece no contínuo processo de configuração da comunidade dos Doze ao redor de Jesus Cristo, que os vocacionou para a missão-evangelizadora, tendo a comunhão-fraterna como ponto iniciático de referência<sup>4</sup>. A comunhão-fraterna deverá ser uma fonte geradora de paixão para se viver o presente como constante busca de superação da violência e situações separatistas que caracterizam a sociedade atual<sup>5</sup>.

Viver com paixão o presente significa tornar-se “peritos em comunhão”, ou seja, “testemunhas e artífices daquele “projeto de comunhão” que está no vértice da história do homem segundo Deus. Numa sociedade marcada pelo conflito, a convivência difícil entre culturas diversas, a prepotência sobre os mais fracos, as desigualdades, somos chamados a oferecer um modelo concreto de comunidade que, mediante o reconhecimento da dignidade de cada pessoa e a partilha do dom que cada um é portador, permita viver relações fraternas (ibidem, seção I, p. 2).

A partir da referência de um presente assumido e construído tendo como alicerce a comunhão-fraterna, projeta-se o futuro que a VRC deverá carregar consigo, trilhando o caminho da fidelidade-criativa em tal direção. A virtude da esperança deverá ser o elã vital a revitalizar o dinamismo da VRC,

---

<sup>4</sup> “Ao fazer memória das origens, há que evidenciar mais um componente do projeto de vida consagrada. Os Fundadores e as Fundadoras viviam fascinados pela unidade dos Doze ao redor de Jesus, pela comunhão que caracterizava a primeira comunidade de Jerusalém. Cada um deles, ao dar vida à sua comunidade, pretendeu reproduzir tais modelos evangélicos, formar um só coração e uma só alma, gozar da presença do Senhor (cf. *Perfectae caritatis*, 15)” (FRANCISCO, Carta Apostólica, seção I, p. 2).

<sup>5</sup> “Por isso, sede mulheres e homens de comunhão, marcai presença com coragem onde há disparidades e tensões, e sede sinal credível da presença do Espírito que infunde nos corações a paixão por todos serem um só (cf. *Jo* 17, 21). Vivei a *mística do encontro*: a capacidade de ouvir atentamente as outras pessoas; ‘a capacidade de procurar juntos o caminho, o método’, deixando-vos iluminar pelo relacionamento de amor que se verifica entre as três Pessoas divinas (cf. *1 Jo* 4, 8) e tomando-o como modelo de toda a relação interpessoal” (ibidem, I, p. 2).

para que essa não caia em um estaticismo que possa esclerosar sua tessitura. É o Espírito Santo o protagonista que dá a devida inspiração e, conseqüente, sustentabilidade, para que a esperança jamais seja frustrada pela limitação humana. Por isso, a esperança é uma virtude que foi semeada no coração do ser humano como uma semente que deverá brotar constantemente.

Conhecemos as dificuldades que enfrenta a vida consagrada nas suas diversas formas: a diminuição das vocações e o envelhecimento, especialmente no mundo ocidental, os problemas econômicos na sequência da grave crise financeira mundial, os desafios da internacionalidade e da globalização, as insídias do relativismo, a marginalização e a irrelevância social... É precisamente nestas incertezas, que partilhamos com muitos dos nossos contemporâneos, que se atua a nossa esperança, fruto da fé no Senhor da história que continua a repetir-nos: “Não terás medo (...), pois Eu estou contigo” (*Jr* 1, 8). A esperança de que falamos não se funda sobre números ou sobre as obras, mas sobre Aquele em quem pusemos a nossa confiança (cf. *2Tm* 1, 12) e para quem “nada é impossível” (*Lc* 1, 37). Esta é a esperança que não desilude e que permitirá à vida consagrada continuar a escrever uma grande história no futuro, para o qual se deve voltar o nosso olhar, cientes de que é para ele que nos impele o Espírito Santo a fim de continuar a fazer, conosco, grandes coisas (FRANCISCO, Carta Apostólica. I, p. 3).

As três raízes da memória histórica fincadas no passado-presente-futuro catalisam expectativas para a atualidade da VRC, provocando câmbios em sua estrutura orgânica e em suas formas de ação rumo à sua reatualização renovadora. Para tal, a VRC deverá ser expressão profética, a qual será a tradução da peculiaridade de sua vocação-missão na Igreja e no mundo. A profecia é a nota característica e o diferencial da VRC no seu modo de viver a vida cristã e de cumprir sua missão-evangelizadora. O exercício da profecia implica a gestação de pessoas livres desde dentro do ambiente filial-fraterno das comunidades religiosas, pessoas que saibam ler os acontecimentos da história com o alfabeto e a gramática da comunhão-fraterna. O profeta é uma sentinela ou vigia que não está anestesiado pelo sono da insensibilidade ou indiferença frente os contra-sinais do Reino de Deus que se manifestam nos

contra-tempos da história. O profeta sempre decide ficar do lado dos pobres e vulneráveis, do lado daqueles que não têm ninguém para defendê-los.

Espero que “desperteis o mundo”, porque a nota característica da vida consagrada é a profecia. Como disse aos Superiores Gerais, “a radicalidade evangélica não é própria só dos religiosos: é pedida a todos. Mas os religiosos seguem o Senhor de uma maneira especial, de modo profético”. Esta é a prioridade que agora se requer: “ser profetas que testemunham como viveu Jesus nesta terra (...). Um religioso não deve jamais renunciar à profecia” (Diálogo do Papa Francisco na Assembleia da União de Superiores Gerais Salesianum de Roma, 29 de novembro de 2013). O profeta recebe de Deus a capacidade de perscrutar a história em que vive e interpretar os acontecimentos: é como uma sentinela que vigia durante a noite e sabe quando chega a aurora (cf. *Is* 21, 11-12). Conhece a Deus e conhece os homens e as mulheres, seus irmãos e irmãs. É capaz de discernimento e também de denunciar o mal do pecado e as injustiças, porque é livre, não deve responder a outros senhores que não seja a Deus, não tem outros interesses além dos de Deus. Habitualmente o profeta está da parte dos pobres e indefesos, porque sabe que o próprio Deus está da parte deles (ibidem, II, p. 2).

Sendo expressão icônica da comunhão do Mistério Trinitário, a VRC deverá continuar fazendo a travessia que vai da comunhão-fraterna à missão-evangelizadora, voltada para as pessoas mais afastadas em suas periferias existenciais e lugares periféricos onde a vida se encontra desvalida. A VRC deverá entrar no dinamismo de uma Igreja em constante movimento de saída de si mesma para ir sempre ao encontro das pessoas em suas periferias existenciais e geográficas. E mais, por meio do testemunho-profético que deverá perpassar e informar toda ação-missionária, a VRC poderá mover a Igreja neste eixo exodal de promover a saída das pessoas das diversas formas de cativeiro que marcam a sociedade atual, rumo à liberdade dos filhos/as de Deus, irmãos/as do Irmão Maior Nosso Senhor Jesus Cristo.

Espero ainda de vós o mesmo que peço a todos os membros da Igreja: sair de si mesmo para ir às periferias existenciais. “Ide pelo mundo inteiro” foi a última palavra que Jesus dirigiu aos seus e que continua hoje a dirigir a todos nós (cf. *Mc* 16, 15). A humanidade inteira aguarda: pessoas que

perderam toda a esperança, famílias em dificuldade, crianças abandonadas, jovens a quem está vedado qualquer futuro, doentes e idosos abandonados, ricos saciados de bens mas com o vazio no coração, homens e mulheres à procura do sentido da vida, sedentos do divino... Não vos fecheis em vós mesmos, não vos deixeis asfixiar por pequenas brigas de casa, não fiquéis prisioneiros dos vossos problemas. Estes resolver-se-ão se sairdes para ajudar os outros a resolverem os seus problemas, anunciando-lhes a Boa Nova. Encontrareis a vida dando a vida, a esperança dando esperança, o amor amando. De vós espero gestos concretos de acolhimento dos refugiados, de solidariedade com os pobres, de criatividade na catequese, no anúncio do Evangelho, na iniciação à vida de oração. Consequentemente almejo a racionalização das estruturas, a reutilização das grandes casas em favor de obras mais cónsonas às exigências atuais da evangelização e da caridade, a adaptação das obras às novas necessidades (FRANCISCO, Carta Apostólica, II, p. 4).

Uma VRC em constante processo de renovação, sintonizada com a anamnese histórica por intermédio da conjugação do passado-presente-futuro, tende a abrir novos horizontes que deverão ter uma incidência junto aos leigos, às diversas modalidades de experiência comunitária, às várias famílias de vida consagrada, nas igrejas locais com seus respectivos bispos e no âmbito do diálogo ecumênico.

Que este Ano seja uma oportunidade para acolher, cordial e jubilosamente, a vida consagrada como um capital espiritual que contribua para o bem de todo o corpo de Cristo (cf. *Lumen gentium*, 43) e não só das famílias religiosas. “A vida consagrada é dom feito à Igreja: nasce na Igreja, cresce na Igreja, está totalmente orientada para a Igreja”. Por isso, enquanto dom à Igreja, não é uma realidade isolada ou marginal, mas pertence intimamente a ela, situa-se no próprio coração da Igreja, como elemento decisivo da sua missão, já que exprime a natureza íntima da vocação cristã e a tensão de toda a Igreja-Esposa para a união com o único Esposo; portanto “está inabalavelmente ligada à sua vida e santidade” (ibidem, III, p. 5).



### 3. Algumas afirmações do Papa Francisco sobre a Vida Religiosa Consagrada

O Papa Francisco pertence às fileiras de um grande número de pessoas que escolheram o modo da VRC para fazer o caminho do seguimento de Jesus Cristo. Essa opção de Francisco ocorreu na Companhia de Jesus, uma congregação religiosa fundada em 1540 por Santo Inácio de Loyola, com um grande acento missionário a serviço da Igreja. Francisco é o primeiro papa jesuíta que ocupa a Cátedra de Pedro na Igreja. A origem do Papa Francisco como religioso jesuíta é um dado que pode indicar sua sensibilidade pela VRC, demonstrada em alguns dos seus primeiros gestos ao ser eleito papa. É caso de sua inédita decisão de não ir morar no apartamento papal do Palácio Apostólico, mas, residir na Casa Santa Marta<sup>6</sup>. A explicação é simples e traduz um dos

---

<sup>6</sup> “O mapa dos centros dos Grandes Poderes do mundo mudou há algumas semanas. O novo pontífice da Igreja Católica guia seus fiéis (1,214 bilhão, segundo o último Anuário Pontifício) do apartamento 201 no segundo andar da Casa Santa Marta. Bergoglio usa outro nome. Chama-a de "Internato": 106 suítes, 22 quartos individuais e um apartamento. Ele se encontra muito bem, quase é impensável que ele volte a morar no imenso Apartamento papal do Palácio Apostólico. Ele explicou durante a audiência às escolas italianas dos jesuítas: ‘Eu tenho necessidade de viver entre as pessoas, e se eu vivesse sozinho, talvez um pouco isolado, não me faria bem’. O fato de que Santa Marta, o hotel no coração da Cidade do Vaticano, nasceu para hospedar os cardeais nos conclaves já é um ponto axial fundamental na nova página da Igreja é demonstrado pela recente nomeação de Dom Battista Mario Salvatore Ricca ao posto-chave de prelado interino do IOR, o discutido Instituto para as Obras de Religião. Por acaso, Ricca é diretor das casas de hospitalidade vaticanas e especialmente de Santa Marta. As suas frequentes conversas com o Papa Francisco, às vezes na janta, construíram uma direta relação de confiança. O Papa Francisco se move em Santa Marta como os jesuítas em suas residências coletivas. Muitas vezes, ele aparece no átrio sem aviso prévio (na recepção, há turnos de equipe de mulheres leigas que atendem o telefone). Quanto às refeições, nenhuma formalidade: Bergoglio se senta com quem estiver e à noite, se o bufê estiver funcionando, ele se serve com uma bandeja. Como cardeal de Buenos Aires, ele cozinhava as suas refeições sozinho e se orgulhava do ‘seu’ leitão assado. O refeitório de Santa Marta consolidou uma fama de mediocridade no Vaticano. Cozinha continental, de verdadeiro hotel como é Santa Marta. Assados, ensopados, massa de forno. Mas o papa não se opõe. Lá vivem estavelmente cerca de 30 eclesiásticos da Secretaria de Estado, alguns empregados leigos, aqueles bispos que de todo o mundo chegam a Roma por alguns dias. Ele também hospeda [Ernst von Freyberg](#), o novo presidente do IOR, quando vai a Roma. A gestão da Casa é pilotada por Dom Ricca, que conta com seis irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo (chamadas antigamente de ‘*le cappellone*’ por causa do imenso chapéu). Mas o resto do pessoal, masculino e

elementos fundamentais da VRC: “Eu tenho necessidade de viver entre as pessoas, e se eu vivesse sozinho, talvez um pouco isolado, não me faria bem”<sup>7</sup>. Salta à vista um dos conteúdos que Francisco tem apontando como sendo um elemento fundante-fundamental da VRC e da Igreja, que é a comunhão-fraterna, a qual passa decididamente pelos relacionamentos humanos. É por isso que colocamos a comunhão-fraterna como a grande chave de leitura desta nossa meditação sobre a VRC e sua presença no mundo e na Igreja.

A Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica coloca os apontamentos que o Papa Francisco tem feito sobre a VRC no seu magistério como um tempo de graça para os religiosos/as. Considera ainda o conteúdo de tais apontamentos indicados pelo magistério de Francisco como sendo a chave atual de uma releitura da configuração da VRC na direção de sua renovação. Na sequência da nossa reflexão, colocamos de relevo o texto em referência e o comentário.

Acolher tal magistério significa renovar a vida segundo o Evangelho, não no sentido de radicalidade entendida como modelo de perfeição e, muitas vezes, de separação, mas no sentido de adesão *toto corde* ao encontro de salvação que transforma a vida: “Trata-se de deixar tudo para seguir o Senhor. Não, não quero dizer radical. A radicalidade evangélica não é só para os religiosos: a todos se exige. Mas os religiosos seguem o Senhor de modo especial, de modo profético. Espero de vós esse testemunho. Os religiosos devem ser homens e mulheres capazes de despertar o mundo (ALEGRAI-VOS. Carta Circular aos Consagrados e às Consagradas do Magistério do Papa Francisco. Brasília: CNBB, 2014. n. 1).

O Evangelho de Jesus Cristo e do Reino de Deus são os critérios de renovação da VRC. O primeiro elemento que chama a atenção é a superação da concepção da mesma como “modelo de perfeição” ou de “separação”,

---

feminino, é leigo. Incluindo a cozinha. O serviço de segurança é discreto: gendarmaria pontifícia, guardas suíços. Nenhum corpo especial.” (INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. *Na casa do papa em Santa Marta*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/521157-na-casa-do-papa-em-santa-marta%20>. Acesso em 26.07.2015)

<sup>7</sup> Ibidem.

modalidade transnoitada e que não corresponde à forma como se deve entender atualmente a vida consagrada. Esta deverá ser compreendida em referência à ação salvífica de Deus, que transforma a vida do ser humano situado na história. A especificidade do modo de se fazer o seguimento de Jesus Cristo nos moldes da VRC é o “modo profético”, expressado, sobretudo, pelo testemunho capaz de “despertar o mundo”. Esta expressão quer significar uma presença dos religiosos/as capaz de “despertar o mundo” de sua insensibilidade, indiferença como sociedade que se organiza à revelia do projeto do Reino de Deus, cujos valores são voltados para a dignidade do ser humano. É no espaço deste vazio desumano que a VRC poderá dar uma contribuição eficaz pela via do testemunho-profético. A imagem que deverá modelar o jeito de ser do religioso/a não poderia ser outra, senão a imagem do próprio Deus-libertador da escravidão de Israel na Babilônia, um Deus com o rosto materno no qual transluz, com diafaneidade e beleza transparente e atrativa, sua ternura materna, carinhosa, acolhedora, acariciadora e capaz de carregar Israel no seu colo. Esse é um Deus que levanta o braço para amparar, proteger, redimir, libertar, cuidar, salvar, curar as feridas do seu povo, produzidas pelo flagelo do cativo escravo. Sendo assim, a alegria está umbilicalmente ligada à ação salvífico-libertadora de Deus, vale dizer, é uma alegria redentora, libertadora, cujo sentido é celebrar dando graças ao Senhor que visita-liberta o seu povo.

A renovação da VRC traz consigo a necessidade de sua configuração-reconfiguração-transfiguração a essa imagem tão cara do Deus da Revelação, cujo ponto de referência iniciático deverá estar fincado no coração da comunidade-fraterna. Comungar da vida de Deus na expressão facial do seu rosto-maternal e do seu braço-redentor deverá representar, para os religiosos/as, transitar constantemente na dinâmica do eixo que conecta a comunhão-fraterna com a missão-evangelizadora, e vice e versa. Isto significa uma experiência de VRC situada no contexto de uma Igreja em constante

movimento de saída, capaz de comunicar o invisível mistério da compaixão-redentora de Deus, na sensibilidade afetiva que caracteriza o ser humano<sup>8</sup>.

A fonte inspiradora que deverá nutrir a VRC nesta missão-profético-evangelizadora é o denso conteúdo da profecia do Tritio-Isaías, um texto de caráter apocalíptico-escatológico que faz ressonância da alegria, júbilo, regozijo do povo de Israel liberto das garras da escravidão babilônica. Aqui os termos-chaves são profecia, alegria, esperança rumo a um futuro pertencente ao desígnio salvífico-libertador de Deus para o seu povo, que se cumpre na saída libertadora do cativo babilônico<sup>9</sup>. A VRC deverá ser expressão de

<sup>8</sup> “Um conjunto de vocábulos intensos: *alegrai-vos, exultai, transbordai*; e também *consolações, delícia, abundância, prosperidade, carícias*, etc. A relação de fidelidade e de amor tinha falhado, caíra-se na tristeza e na esterilidade; agora, o poder e a santidade de Deus tornavam a dar sentido e plenitude de vida e de felicidade. Estas exprimem-se em termos que têm a sua raiz nos afetos de todo o ser humano, e que provocam sensações únicas de ternura e segurança. Delicado e verdadeiro perfil de um Deus que vibra com entranhas maternas e com intensas emoções contagiantes; uma alegria vinda do coração (cf. *Is 66, 14*) que, a partir de Deus – rosto materno e braço que ergue –, e se difunde num povo desfigurado por mil humilhações, e, por isso, com ossos frágeis; uma transformação gratuita que festivamente se estende a ‘novos céus e nova terra’ (cf. *Is 66, 22*), para que todos os povos conheçam a glória do Senhor, fiel e redentor” (ALEGRAI-VOS, n. 2)

<sup>9</sup> “Com a palavra *alegria* (em hebraico: *s’imhâ/samah, gyl*) a Sagrada Escritura pretende exprimir uma série de experiências coletivas e pessoais, particularmente ligadas ao culto religioso e às festas, e destinadas a reconhecer o sentido da presença de Deus na história de Israel. Na Bíblia, há treze verbos e substantivos diferentes para descrever a alegria de Deus, das pessoas e da própria criação, no diálogo da salvação (...). Nos Salmos encontramos, centenas de vezes, as expressões mais eficazes para indicar, juntamente com a *alegria*, quer o fruto da presença benevolente de Deus e os ecos jubilosos que esta provoca, quer a afirmação da grande promessa que ilumina o horizonte futuro do povo. No que diz respeito ao profeta Isaías, a segunda e a terceira partes do seu livro estão, precisamente, ritmadas por esse frequente apelo à alegria, orientado para o futuro: será superabundante (cf. *Is 9, 2*); o céu, o deserto e a terra exultarão de alegria (*Is 35, 1; 44, 23; 49, 13*); os prisioneiros libertados chegarão a Jerusalém, gritando de alegria (*Is 35,9s.; 51, 11*)” (ALEGRAI-VOS, n. 2). Ainda indicamos o texto do Tritio-Isaías que encabeça e serve de chave hermenêutica para se interpretar o n. 2: “*Alegrai-vos com Jerusalém, rejubilai com ela, vós todos que a amais; regozijai-vos com ela, vós todos que estáveis de luto por ela. Porque assim diz o Senhor: ‘Vou fazer com que a paz corra para Jerusalém como um rio, e a riqueza das nações, como uma torrente transbordante. Os seus filhinhos serão levados ao colo e acariciados sobre os seus regaços. Como a mãe consola o seu filho, assim Eu vos consolarei; em Jerusalém sereis consolados. Ao verdes isto, os vossos corações pulsarão de alegria, e os vossos ossos retomarão vigor, como erva fresca. A mão do Senhor manifestar-se-á aos seus servos’*” (*Is 66, 10.12-14*).

alegria, a qual não se trata de um estado de euforia ou algum tipo de sentimentalismo vazio, passageiro, efêmero, momentâneo. Redenção-alegria-esperança-escatológica pode ser um quarteto-semântico para se compreender o tipo de alegria que está sendo mencionado, já que estamos diante da elaboração altamente significativa de uma antropologia da alegria<sup>10</sup>.

“Cristo é o selo na frente, é o selo no coração: na frente, porque o professamos sempre; no coração, porque o amamos sempre; é o selo no braço, porque atuamos sempre”. A vida consagrada, com efeito, é um constante chamamento a seguir Cristo e a imitá-lo. “Toda a vida de Jesus, a sua forma de tratar os pobres, os seus gestos, a sua coerência, a sua generosidade simples e cotidiana e, finalmente, a sua total entrega, tudo é precioso e fala à nossa vida pessoal”. O encontro com o Senhor põe-nos em movimento, impele-nos a sair da autorreferencialidade. A relação com o Senhor não é estática nem intimista: “Quem coloca Cristo no centro da sua vida, descentraliza-se! Quanto mais te unes a Jesus e mais Ele se torna o centro da tua vida, tanto mais Ele te faz sair de ti mesmo, te descentraliza e abre aos outros”. “Não estamos no centro; estamos, por assim dizer, ‘deslocados’, estamos ao serviço de Cristo e da Igreja”. A vida cristã é determinada por verbos de movimento, mesmo quando vivida na dimensão monástica e contemplativo-claustral; é uma contínua procura (ALEGRAI-VOS, n. 5).

---

<sup>10</sup> “Esta é a beleza da consagração: é a alegria, a alegria...”. A alegria de levar a todos a consolação de Deus. São palavras do papa Francisco no encontro com os seminaristas, os noviços e noviças. ‘Não há santidade na tristeza’, continua o Santo Padre, ‘não andeis tristes como os que não têm esperança’, escrevia São Paulo (1Ts 4, 13). A alegria não é um adorno inútil, mas exigência e fundamento da vida humana. Nas preocupações de cada dia, todo o homem e mulher procura alcançar a alegria e permanecer nela com todo o seu ser (...). Cada cristão, mas sobretudo nós, somos chamados a levar esta mensagem de esperança, que dá serenidade e alegria: a consolação de Deus, a sua ternura para com todos. Mas só o poderemos fazer, se experimentarmos, nós primeiro, a alegria de ser consolados por Ele, de ser amados por Ele. [...] Existem pessoas consagradas que têm medo da consolação de Deus e se amofinam, porque têm medo dessa ternura de Deus. Mas não tenhais medo. Não tenhais medo. O nosso Deus é o Senhor da consolação, o Senhor da ternura. O Senhor é pai e Ele disse que procederá conosco como faz uma mãe com o seu filho – com ternura. Não tenhais medo da consolação do Senhor” (ALEGRAI-VOS, n. 3).

A renovação da VRC acontece na exata medida em que ela traduza e expresse o selo de sua própria identidade, que é o próprio Jesus Cristo, o homem descentralizado de si mesmo, em função de ter deixado recair sobre si o desígnio salvífico-libertador de Deus oferecido à humanidade. Esse mesmo dinamismo da descentralização de si mesmo deve ser assimilado pelo religioso/a, o qual implica um sair da autorreferencialidade, para que Jesus Cristo possa ocupar o lugar central. Isso deve ocorrer de tal maneira que a consagração esteja em função do serviço, o qual significa entrar no movimento rotatório de constante saída na direção do encontro com os outros. No âmago do coração humano, foi semeada a semente do desejo do encontro com o mistério de Deus, o qual faz com que a criatura humana seja um inquietante peregrino em tal busca<sup>11</sup>. Peregrinar na direção de Deus é desejar comungar de sua vida, que implica o desejo de comunhão com a vida do próximo, pois o ser humano é o próximo que aproxima e torna presente o próprio Deus. O verdadeiro encontro com Deus acontece no encontro com o próximo e, assim, comungar da vida de Deus é comungar da vida do próximo<sup>12</sup>.

O discipulado fiel é graça e exercício de amor, exercício de caridade oblativa: Quando caminhamos sem a Cruz, quando edificamos sem a Cruz ou confessamos um Cristo sem Cruz, não somos discípulos do Senhor: somos mundanos, somos bispos, padres, cardeais, papas, mas não discípulos do Senhor. Perseverar até ao Gólgota, sentir as dilacerações das dúvidas e do renegar, alegrar-se com a maravilha e com a estupefação da

---

<sup>11</sup> Agostinho indicou este horizonte presente no coração humano de forma inigualável, ao dizer: “*Fecisti nos ad Te et inquietum est cor nostrum, donec requiescat in Te (=Criastes-nos para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós)*” (Confissões, liv. I, cap. 1).

<sup>12</sup> “O papa Francisco exorta-nos à *inquietação da procura*, como aconteceu com Agostinho de Hipona: uma inquietação do coração que o leva ao encontro pessoal com Cristo; que o leva a compreender que aquele Deus que ele procurava longe de si é o Deus próximo de cada ser humano, o Deus próximo do nosso coração, mais íntimo a nós do que nós mesmos. É uma procura que continua: ‘Agostinho não se detém, não se acomoda, não se fecha em si mesmo, como aquele que já chegou à meta, mas continua o caminho. A *inquietação da busca da verdade*, da busca de Deus, torna-se inquietação de o conhecer cada vez mais e de sair de si mesmo para o dar a conhecer aos outros. É precisamente a inquietação do amor” (ALEGRAI-VOS, n. 5).

Páscoa até à manifestação do Pentecostes e à evangelização aos povos, são etapas da fidelidade alegre porque *quenótica*, vivida durante a vida inteira, mesmo na prova do martírio e, ao mesmo tempo, participante da vida ressuscitada de Cristo: “É da Cruz, supremo ato de misericórdia e de amor, que se renasce como *nova criatura*” (Gl 6, 15). No lugar teologal em que Deus, revelando-se, nos revela a nós mesmos, o Senhor pede-nos, portanto, para voltarmos a procurar, *fides quaerens*: “Procura a justiça, a fé, o amor e a paz com todos os que, de coração puro, invocam o Senhor” (2Tm 2, 22) (ALEGRAI-VOS, n. 6).

O discipulado é a modalidade radical do seguimento de Jesus Cristo como experiência de oferecimento da vida, por parte da pessoa que deseja trilhar o caminho do Reino de Deus. Neste caminhar ritmado pelas pegadas de Jesus Cristo, está implicada a cruz que ele mesmo assumiu e que o discípulo deverá abraçá-la, para superar a tentação do *status quo* eclesial que pode acontecer no limite da função ou cargo a ser desempenhado. Ao longo da *via crucis*, o discípulo deverá ir elaborando o seu processo de descentralização ou superação da autorreferencialidade, sempre na direção da diaconia. No percurso da cruz, acontece a experiência do esvaziamento quenótico e consequente contínua configuração ao desígnio de Deus, a exemplo de Jesus Cristo Crucificado. Do Crucificado, faz-se o trânsito na direção do Ressuscitado, a referência de esperança que sempre projeta luz diante das ambiguidades e contradições da cruz no âmbito das situações histórico-existenciais de sofrimento. Para o religioso/a, esse palmilhar as pegadas de Jesus Cristo sob o sinal da cruz deverá sempre ter, como referência, a comunhão-fraterna nutrida pela Palavra de Deus<sup>13</sup>.

Testemunhas de comunhão para além das nossas maneiras de ver e dos nossos limites, somos, portanto, chamados a levar o sorriso de Deus; e a

<sup>13</sup> “Por fim, a fidelidade no discipulado passa e é comprovada pela experiência da fraternidade, lugar teológico, no qual somos chamados a apoiar-nos no sim jubiloso do Evangelho: é a Palavra de Deus que suscita a fé, que a alimenta e regenera. É a Palavra de Deus que sensibiliza os corações, que os converte a Deus e à sua lógica, que é tão diferente da nossa; é a Palavra de Deus que renova continuamente as nossas comunidades” (ALEGRAI-VOS, n. 6).

fraternidade é o primeiro e mais credível Evangelho que podemos contar. Pede-se-nos para humanizar as nossas comunidades: Cuidai da amizade entre vós, da vida de família, do amor entre vós. E que o mosteiro não seja um purgatório, mas uma família. Os problemas existem e existirão, mas como se faz numa família, com amor, procurai uma solução com caridade; não destruais esta em nome daquela; que não haja competição. Cuidai da vida de comunidade, pois quando a vida de comunidade é vida de família, o Espírito Santo encontra-se no seio da comunidade. Sempre com um coração grande. Deixai passar, não vos vanglorieis, suportai tudo, sorri com o coração. E o sinal disto é a alegria (ALEGRAI-VOS, n. 9).

A experiência comunitária na VRC deverá ser a concretização da ternura de Deus manifestada na direção do seu povo. A comunhão-fraterna, portanto, deverá educar, formar a consciência e o coração dos religiosos/as para relacionamentos ternos, criativos, ritmados pela amizade, pela caridade-fraterna na reciprocidade mútua. Contemplar o mistério de Jesus Cristo, Deus e homem, é a referência para a superação de pseudos-relacionamentos angelicais e ilusórios no quotidiano da vida comunitária. No cerne do relacionamento comunitário, deverá estar sempre situada a Eucaristia, sacramento que comunica à comunidade-fraterna o vínculo da comunhão, proporcionando-lhe a devida sustentabilidade para se perseverar na trilha da caridade-fraterna. Afinal a Eucaristia é o *sacramentum caritatis* que qualifica e dá o sentido último da caridade-fraterna<sup>14</sup>. É desde uma experiência haurida do mistério eucarístico que VRC é chamada a ser, no coração da sociedade atual, marcada por tantos sinais de violência, divisões, desintegrações, rachaduras, fraturas que exarcebam os ânimos, sinal sacramental da

---

<sup>14</sup> “A alegria consolida-se na experiência da fraternidade, qual lugar teológico, onde cada um é responsável da fidelidade ao Evangelho e do crescimento de cada um. Quando uma fraternidade se alimenta do mesmo Corpo e Sangue de Jesus, reúne-se à volta do Filho de Deus para partilhar o caminho de fé guiado pela Palavra, torna-se uma só coisa com Ele; é uma fraternidade em comunhão, que sente o amor gratuito e vive em festa, livre, alegre, cheia de coragem (...). Para o Papa Francisco, o selo da fraternidade é a ternura, uma ternura eucarística, porque a ternura faz-nos bem. A fraternidade tem uma enorme força de convocação. [...] A fraternidade religiosa, mesmo com todas as diferenças possíveis, é uma experiência de amor que ultrapassa os conflitos” (ALEGRAI-VOS, n. 9).



comunhão-fraterna como mediação de cuidado do ser humano fragilizado por individualismos estéreis<sup>15</sup>.

Somos chamados a realizar um êxodo de nós mesmos, num caminho de adoração e de serviço. Sair pela porta para procurar e encontrar! Ter a coragem de ir contra a corrente dessa cultura eficientista, dessa cultura da rejeição. O encontro e o acolhimento de todos, a solidariedade e a fraternidade, são os elementos que tornam a nossa civilização verdadeiramente humana. Temos de ser *servidores da comunhão e da cultura do encontro*! Quero-vos quase obsessivos neste aspecto. E fazê-lo sem ser presunçosos. O fantasma que se deve combater é a imagem da vida religiosa entendida como refúgio e conforto face a um mundo *exterior* difícil e complexo. O Papa exorta-nos a “sair do ninho”, para habitarmos na vida dos homens e mulheres do nosso tempo, e a nos entregarmos a Deus e ao próximo. Várias vezes o Papa Francisco indicou o *caminho da atração*, do contágio, como caminho para fazer crescer a Igreja, caminho da nova evangelização. A Igreja deve atrair. Despertai o mundo! Sede testemunhas de um modo diferente de fazer, de agir, de viver! É possível viver diversamente neste mundo. [...] Eu espero de vós um tal testemunho. Confiando-nos a missão de *despertar o mundo*, o Papa impele-nos a encontrar as histórias dos homens e mulheres de hoje à luz de duas categorias pastorais, que têm as suas raízes na novidade do Evangelho: a *proximidade* e o *encontro*, duas modalidades, através das quais o próprio Deus se revelou na história a ponto de encarnar” (ALEGRAI-VOS, n. 10).

Os religiosos/as deverão fazer o trânsito do êxodo de si mesmos e inserirem-se no contexto da cultura atual, conhecida como cultura pós-moderna, na qual tem acontecido um processo de asfixia do sentido da

---

<sup>15</sup> “No tempo em que a fragmentação leva a um individualismo estéril e de massa, e a fraqueza das relações desagrega e asfixia a atenção pelo humano, somos convidados a humanizar as relações de fraternidade para favorecer a comunhão dos espíritos e dos corações ao estilo do Evangelho, porque existe uma comunhão de vida entre todos aqueles que pertencem a Cristo. Uma comunhão que nasce da fé e que faz da Igreja, na sua verdade mais profunda, comunhão com Deus, familiaridade com Deus, comunhão de amor com Cristo e com o Pai no Espírito Santo, que se prolonga numa comunhão Fraterna” (ALEGRAI-VOS, n. 9).

solidariedade e da fraternidade. A predominância tem sido a cultura do individualismo, do isolamento, do descartável. A VRC, neste contexto cultural, deverá cumprir a missão de ser servidora da comunhão, por meio do testemunho da sororidade de irmãos/as, capazes de oferecer uma dinâmica transformadora de ditas estruturas que têm desintegrado os relacionamentos humanos. Sem nenhum tipo de presunção, a VRC deverá, quase de forma obsessiva, buscar cumprir esse papel no atual cenário sócio-cultural. O grande risco é que a vida comunitária nas comunidades religiosas seja vivida emborcada sobre si mesma, sem que sejam capazes de dar esse passo de saída pela porta afora, para recriar, no coração da sociedade atual, a cultura do encontro. A comunidade-fraterna, portanto, não deverá se transformar num lugar-tempo de fuga do ambiente complexo da cultura hodierna. Antes, deve ser um lugar-tempo de relacionamentos que fortifiquem, cada vez mais, os vínculos de comunhão entre os irmãos/as, no contato com Deus no seu mistério e na direção do próximo<sup>16</sup>.

Somos chamados então, como Igreja, a sair para ir às periferias geográficas, urbanas e existenciais – as do mistério do pecado, da dor, das injustiças, da miséria –, aos lugares recônditos da alma, onde cada pessoa experimenta a alegria e o sofrimento do viver. Vivemos numa cultura do desencontro, uma cultura da fragmentação, uma cultura na qual o que não me serve é jogado fora [...]. Hoje, encontrar um sem-abrigo morto de frio não é notícia. A pobreza é uma categoria teologal porque o Filho de Deus humilhou-se, para caminhar pelas estradas. [...] Uma Igreja pobre para os pobres começa por dirigir-se à carne de Cristo. Se nos fixarmos na carne

---

<sup>16</sup> “O nosso caminho amadurece até à paternidade pastoral, até à maternidade pastoral e, quando um sacerdote não é pai da sua comunidade, quando uma religiosa não é mãe de todos aqueles com os quais trabalha, torna-se triste. Eis o problema. Por isso vos digo: a raiz da tristeza na vida pastoral consiste precisamente na falta de paternidade e maternidade, que vem do viver mal esta consagração; esta, pelo contrário, deve-nos conduzir à fecundidade. Ícones vivos da maternidade e da proximidade da Igreja, vamos ao encontro dos que esperam a Palavra da consolação, inclinando-nos com amor materno e espírito paterno sobre os pobres e os fracos. O Papa convida-nos a *não privatizar o amor*, mas, com a inquietação de quem procura, procurar sempre, sem tréguas, o bem do outro, da pessoa amada” (ALEGRAI-VOS, n. 10-11).

de Cristo, começamos a compreender qualquer coisa, a compreender o que é esta pobreza, a pobreza do Senhor. Viver a bem-aventurança dos pobres significa ser sinal de que a angústia da solidão e do limite é vencida pela alegria de quem é verdadeiramente livre em Cristo e aprendeu a amar. Durante a sua visita pastoral a Assis, o Papa Francisco perguntava de que devia despojar-se a Igreja. E respondia: De qualquer ação que não é para Deus, que não é de Deus; do medo de abrir as portas para ir ao encontro de todos, sobretudo dos mais pobres, dos necessitados, dos distantes, sem esperar; certamente, não para se perder no naufrágio do mundo, mas para levar com coragem a luz de Cristo, a luz do Evangelho, também à escuridão, aonde não se vê, aonde pode acontecer que se tropece; despojar-se da tranquilidade aparente que as estruturas oferecem, estruturas certamente necessárias e importantes, mas que nunca devem obscurecer a única verdadeira força que a Igreja tem em si: Deus. Ele é a nossa força! (ALEGRAI-VOS, n. 11).

Uma renovação autêntica e atualizadora da VRC para o atual momento sócio-cultural e, em consonância com a Igreja, implica uma ação-missionária capaz de inserir-se nos ambientes periféricos em três níveis, a saber, geográfico, urbano e existencial. São nessas realidades em que as pessoas experimentam situações de pecado, dor, injustiças e miséria que os religiosos/as deverão alcançar uma atitude de solidariedade e encontro com tantos rostos desfigurados em meio à alegria e o sofrimento. A cultura pós-moderna do desencontro, da fragmentação, do descartável, incide de forma desumana, sobretudo, na vida dos pobres, os quais são a carne de Cristo. Eles ensinam a Igreja a compreender sua missão-evangelizadora quando se volta para eles. Ao fixar na carne de Cristo, configurada nos pobres, a Igreja saberá identificar que a pobreza é a pobreza de Jesus Cristo. O caminho de aprendizagem, no ritmo de uma liberdade que se expressa no exercício da capacidade de amar, deverá ser o horizonte a ser buscado, o qual conduzirá a VRC à sua necessária renovação-atualização. Este deverá ser o real e necessário processo de despojamento da Igreja, o seja, despojar-se da ação à revelia de Deus, do medo de abrir as portas e sair ao encontro de todos e, em especial, dos pobres; despojar-se do peso de estruturas estáticas, fixistas que

não favorecem a sua renovação sob a inspiração do Espírito Santo e da novidade do Evangelho. A VRC poderá contribuir, sobremaneira, por intermédio da variedade dos seus carismas inspirados pelo Espírito Santo, para que a Igreja siga sua trajetória histórica de encontrar sempre o equilíbrio no pêndulo ou gangorra entre sua dimensão carismática e sua dimensão estrutural ou institucional<sup>17</sup>.

#### 4. Conclusão

Esta coletânea comentada de alguns textos do Papa Francisco sobre a Vida Consagrada não quis ser exaustiva, mas destacar alguns conteúdos que servem de referência renovadora e atualizadora da VRC para o momento atual da Igreja e da cultura pós-moderna. Estamos diante de determinadas indicações de um papa religioso e que, portanto, conhece a Vida Religiosa desde dentro de sua realidade. Isso explica a profundidade e pertinência de suas orientações como pastor e guia dos caminhos da Igreja. Suas afirmações incidem em elementos fundamentais da longa tradição carismático-espiritual da VRC, experienciados ao longo da história da Igreja, alguns dos quais necessitam ser repensados, reorientados e rerepresentados, para que, de fato, aconteça a tão esperada resposta das comunidades religiosas aos atuais desafios de um novo contexto cultural. Nessa realidade, ritmada por um profundo câmbio epocal ou axiomático que tem implicado e incidido, sobretudo, na mediação das culturas, fica esboçado o cenário desafiante para o qual a VRC, sob a inspiração sempre alentadora do Espírito Santo, aprenda a trilhar novos caminhos.

---

<sup>17</sup> “Eis um convite a não ter medo da novidade que o Espírito Santo faz em nós, não ter medo da renovação das estruturas. A Igreja é livre. Condu-la o Espírito Santo. É o que Jesus nos ensina no Evangelho: a liberdade necessária para encontrar sempre a novidade do Evangelho na nossa vida e também nas estruturas. A liberdade de escolher odres novos para esta novidade. Somos convidados a ser homens e mulheres audazes, de fronteira: A nossa fé não é uma fé-laboratório, mas uma fé-caminho, uma fé histórica. Deus revelou-se como história, não como um compêndio de verdades abstratas. [...] Não é preciso levar a fronteira para casa, mas viver na fronteira e ser audazes” (ALEGRAI-VOS, n. 11).

## Referências

AGOSTINHO, *Confissões*. Porto: livraria apostolado da impresa, 1981.

ALEGRAI-VOS: carta Circular aos Consagrados e às Consagradas do Magistério do Papa Francisco. Brasília: CNBB (Documentos da Igreja 14).

CONCÍLIO VATICANO II. *Perfectae Caritatis*: decreto do Concílio Vaticano II sobre a renovação da vida religiosa. São Paulo: Paulinas, 1965. (A voz do Papa, 33).

FRANCISCO. Carta Apostólica às Pessoas Consagradas em ocasião do ano da Vida Consagrada. São Paulo: Paulinas, 2014.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. *Na casa do papa em Santa Marta*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/521157-na-casa-do-papa-em-santa-marta%20>. Acesso em 26.07.2015.

JOÃO PAULO II. *Vita Consecrate*. São Paulo: paulinas, 1996.

Recebido em: 07/05/2019

Aprovado em: 24/05/2019